



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANDREZA RODRIGUES DANTAS

**“ MULHERES NEGRAS: REPRESENTATIVIDADE, AUTOAFIRMAÇÃO E
BELEZA NEGRA.”**

ANDREZA RODRIGUES DANTAS

**“ MULHERES NEGRAS: REPRESENTATIVIDADE, AUTOAFIRMAÇÃO E
BELEZA NEGRA.”**

Monografia apresentada à Universidade da Integração da Lusofonia
Afro-brasileira – UNILAB, como requisito para a obtenção do grau
de Bacharel no curso de Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Michelle Cirne Ilges

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Dantas, Andreza Rodrigues.

D21m

Mulheres negras: representatividade, autoafirmação e beleza
negra / Andreza Rodrigues Dantas. - Redenção, 2022.
30f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Michelle Cirne Ilges.

1. Mulheres negras. 2. Empoderamento. 3. Feminismo. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.42

ANDREZA RODRIGUES DANTAS

**MULHERES NEGRAS: REPRESENTATIVIDADE, AUTOAFIRMAÇÃO E
BELEZA NEGRA.**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Data de aprovação: 14/02/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Michelle Cirne Ilges (IH/UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Denise Ferreira da Costa Cruz (IH/UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Larissa Oliveira e Gabarra (IH/UNILAB)

RESUMO

A obra *Mulheres negras: representatividade, autoafirmação e beleza negra*, nos traz um estudo sobre a vida e a história de mulheres que desde a era colonial tiveram suas vidas marcadas pela opressora política do racismo e de gênero, que enfrentaram grandes lutas e exclusões mesmo após a escravidão, que criaram seu próprio movimento feminista, por não serem representadas por aquele que chamamos de feminismo universal e buscaram no decorrer da história se reinventar e se proteger.

Após séculos de exclusão, a mulher negra se redescobre a partir de uma série de acontecimentos descritos nesse texto. Um dos mais impactantes foi o empoderamento seguido da representatividade. Discutimos que o empoderamento de forma coletiva move com todas aquelas que fazem parte de uma comunidade, que as faz ter essa percepção identitária e as eleva ao nível de representatividade. O empoderamento certamente é um pilar para chegar ao poder da representatividade, que nos últimos anos tornou-se uma arma poderosa contra o preconceito racial, e também de gênero.

Usamos como exemplo de representação, luta e também vitória, a história de mulheres negras que chegaram ao pódio do concurso Miss Brasil, enfrentando todos os estereótipos e marcadores que carregavam, e mostrando que o corpo negro vai além do que a história supremacista racial ensinou, e que elas são lindas, tem uma história por trás do corpo, do black, da cor, e essas histórias merecem ser contadas para que possam incentivar outras mulheres a se libertarem desse julgo racial e desigual.

Palavras chave: mulheres negras, feminismo, empoderamento, representatividade, globalização.

RESUME

The work *Black women: representation, self-affirmation and black beauty*, brings us a study of the life and history of women who, since the colonial era, had their lives marked by the oppressive politics of racism and gender, who faced great struggles and exclusions even after slavery, who created their own feminist movement, for not being represented by what we call universal feminism and sought throughout history to reinvent and protect themselves.

After centuries of exclusion, the black woman rediscovers herself through a series of events described in this text. One of the most striking was empowerment followed by representation. We discuss that collective empowerment moves with all those who are part of a community, which makes them have this identity perception and raises them to the level of representativeness. Empowerment is certainly a pillar to reach the power of representation, which in recent years has become a powerful weapon against racial and gender prejudice.

We used as an example of representation, struggle and also victory, the story of black women who reached the podium of the Miss Brazil contest, facing all the stereotypes and markers they carried, and showing that the black body goes beyond what racial supremacist history taught, and that they are beautiful, there is a story behind the body, the black, the color, and these stories deserve to be told so that they can encourage other women to free themselves from this racial and unequal judgment.

Keywords: black women, feminism, empowerment, representation, globalization.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Negra! Desde quando?.	10
1.1 Pluralidades compostas por singularidades.	10
1.2 Eu empodero, tu empodera, nós empoderamos.	16
1.3 Quando me descobri negra (Entrevista).	19
Representada!.	20
2.0 Como você me vê?.	20
2.1 A Globalização e a mulher negra.....	23
2.3 Me representaram, me vi, me amei! (Entrevista)......	25
3.0 Rainhas pretas	26
3.1 A chegada na coroa. (Entrevista).	29
Conclusão.	30
Referências Bibliográficas.	30

Introdução

Como mulher negra, que vivenciei situações que somente eu e meu corpo são capazes de responder, dediquei-me a trazer um estudo pautado na importância da autoafirmação e na historiografia sobre a mulher negra. O tema “Mulheres negras: representatividade, autoafirmação e beleza negra.”, traz a abordagem das vivências de mulheres negras dentro da nossa sociedade do século XXI, remetendo a situações vindas desde a era colonial. O trabalho discorre sobre as histórias de tais mulheres enquadradas nessa realidade social e nesses marcadores: raça, autoafirmação, representatividade e beleza negra. Obras desse cunho, são de suma importância para nós mulheres negras, e também outros interessados nessa questão, para entendermos de forma mais ampla os problemas que ainda são enfrentados por essas mulheres até hoje, e como o peso da cor, da cultura, da ancestralidade, das origens, das características físicas e do ser mulher, ainda permeiam de forma significativa na vida dessas mulheres. A atenção dada a causas como essa, tornam mais forte e concreta essa luta, que já vem de séculos atrás, quando mulheres escravizadas enfrentavam perigosas fugas da casa de seus senhores para os Quilombos. Arriscar a própria vida em rotas de fuga era a forma que essas mulheres encontravam para resistir aos abusos causados pelos seus senhores, a humilhação sofrida por suas senhoras, a selvageria pregada pela sociedade da época associada a sua cor, costumes e cultura, e também o sexismo sofrido diariamente por conta da sua condição erotizada de mulher (HOOKS, 2019). São lutas e discursos antigos, mas infelizmente, atuais. São temas que precisam ser tratados dentro de todas as esferas da sociedade, para que possamos imaginar e acreditar em um futuro sem tantos rótulos. Como eu sendo mulher negra posso mostrar quem sou, minha história e minhas capacidades, se a sociedade e o contexto em que vivo me oprime e me exclui? Serão essas questões, que essa obra buscará responder, por meio de embasamentos teóricos e histórias de vida. Grandes pensadoras, feministas negras, ativistas, doaram parte da sua vida para tornar possível um mundo sem barreiras, que nos separam de outras mulheres, de outros homens que se julgam superiores pela cor e pelo gênero. Nesse trabalho, buscaremos mostrar as ferramentas da luta identitária dessas mulheres, e desconstruir ideias postas em cima de nossos corpos, que nós não queremos e tão pouco somos. Reafirmar a identidade negra é um processo que precisa ser aceito e vivido, de forma única e real, porque é isso que somos: únicas e reais.

OBJETIVOS

- Abordar as relações das mulheres negras com os demais grupos da sociedade, e como sua imagem ainda é tida dentro dessas comunidades.
- Apresentar as formas de luta e resistências dessas mulheres, a partir de suas vivências e sua coletividade.
- Assegurar que a história da mulheridade negra seja contada de forma endógena, não a partir da fala do outro, mas a partir de sua própria narrativa.
- Trazer as problemáticas vividas por essas mulheres, invisibilizadas pela sociedade, como ferramenta de estudo e defesa.

JUSTIFICATIVA

A questão racial e a autoafirmação negra, são temas que precisam ser tragos e estudados de forma ampla, vivemos em um país extremamente desigual, onde as oportunidades surgem para determinados grupos de uma forma assustadoramente diferente e privilegiada.

Ter a chance de abordar questões como essa, sendo uma mulher, negra, em uma Universidade Federal, nos permite pensar que de forma pequena estamos avançando, nos está sendo dado a oportunidade de expressarmos quando já fomos um grupo que por muito tempo foi silenciado. Marchamos em uma luta, que se ergue de pequenas conquistas, e aos poucos ocupa lugares, antes inalcançáveis.

É gratificante ver o grande acervo de materiais desenvolvidos sobre esse tema, com obras de escritoras com bell hooks, Giovanna Xavier, Djamila Ribeiro, Joice Berth, entre outras autoras, pois é visível que há tempos, pessoas se preocupam com essas questões e são elas que trazema base de um estudo, uma luta e uma resistência. Justificamos através desse trabalho a importância de tratar desses assuntos dentro de uma sociedade cheia de patologias, sistemas e governantes falhos, que dividem sua sociedade entre oprimidos e opressores, que silenciam e buscam a naturalização da opressão.

METODOLOGIA

Esse trabalho foi desenvolvido partindo de teorias e análises feitas em livros, textos, vídeos e filmes que abordam esse tema. Trabalhamos com fichamentos dos textos estudados, e buscamos trazer o encontro de ideias e teorias defendidas por

vários autores, buscando trazer o conceito de autoafirmação, representatividade e beleza negra.

Foram realizadas pesquisas com mulheres que trazem consigo essas vivências abordadas nesse trabalho, através de conversas e entrevistas, buscando entender de forma mais pessoal em como esses marcadores são presentes de forma real no dia a dia dessas mulheres.

Buscamos trazer de forma qualitativa e temporal a história das mulheres negras, desde a época colonial até os dias atuais, passando pelo início do feminismo negro, a representatividade nas mídias, a ascensão da globalização e o impacto das redes sociais, as lutas por seus direitos, estética e beleza negra. Buscando sempre explicar o cenário de cada situação e em como a mulher negra era mostrada em cada uma delas.

A partir de todas essas análises, podemos desenvolver uma pesquisa que visa explicar a forma em que essas mulheres lidam com uma sociedade tão opressora, e a partir disso buscamos entender e mostrar a história de luta da mulher negra, partindo da perspectiva que o racismo e o machismo ainda são duas ferramentas de opressão muito forte dentro da nossa sociedade.

CAPÍTULO I : NEGRA! DESDE QUANDO?

Muitas mulheres nascem negras, mas se descobriram negras há pouco tempo. Como isso é possível? Por incrível que pareça, é possível! E ao contrário que se pensa, esse é um caso comum dentro da nossa sociedade. Muitas mulheres passaram uma vida, reproduzindo comportamentos que nem elas mesmas entendiam ou percebiam, somente pela forte influência social da política racista opressora e muitas delas passaram uma vida se escondendo e fugindo de sua identidade negra para sentir-se parte de algo, para se sentir alguém. Mas como não entender tamanho comportamento? Uma mente programada a agir assim desde que nasceu para se defender dos ataques racistas e machistas e para ser aceita, não poderia agir diferente do que lhe foi ensinado. E neste capítulo procuraremos entender: Desde quando somos negras?

1.1 Pluralidades compostas por singularidades.

Sabemos que viver no Brasil significa viver rodeado de muitas culturas. Sim, um país que se formou basicamente sobre um misto de relações multiculturais, não poderia

ser diferente. É comum andar pelas ruas de qualquer cidade no território nacional, e se deparar com inúmeras identidades e figuras distintas. Apesar da grande marketing e imagem formada sobre a vida no Brasil, de um “país de todos”, “de todas as culturas, raças e povos”, “o país da democracia política e social”, sabemos que a realidade não é bem esse mar de maravilhas.

Perdura sobre esse país e esse povo, o peso colonial exercido por nossos colonizadores, que institucionalizaram sobre essa nação uma ideia de racismo e preconceito muito forte, que até hoje sentem na pele, os povos marginalizados e inferiorizados por esse sistema colonial. Para entendermos melhor como se deu essa educação, lemos a obra de *Francois Laplantine – Aprender Antropologia (2003)*, que nos trás o conceito da visão do colonizador europeu sobre o povo colonizado. *Laplantine* vai afirmar que, a visão dos europeus de barbárie e selvageria dos povos nativos e colonizados, não se dava por de fato haver nos nativos uma ignorância como indivíduos sociais, mas pelas diferenças existentes entres os europeus e os colonizados: “A extrema diversidade das sociedades humanas raramente apareceu aos homens como um fato, e sim como uma aberração exigindo uma justificativa.” (2003P.23). Mas, na realidade, esses povos nativos, atendiam de uma formação social tão bem organizada quanto dos colonizadores, afirma o Dominiciano Las Casas, no debate de 1550, na Espanha: “Aqueles que pretendem que os índios são bárbaros, responderemos que essas pessoas têm aldeias, vilas, cidades, reis, senhores e uma ordem política que, em alguns reinos, é melhor que a nossa. (...) Esses povos igualavam ou até superavam muitas nações, e uma ordem política que, em alguns reinos, é melhor que a nossa.” (2003P.26). Mas essas diferenciações, fizeram com que esses povos fossem vistos como seres anormais e bestiais, trazendo por muitos séculos a ideia de inferiorização desses povos, como foi com o período de colonização e exploração do povo africano, a ponto de ser defendido pelos estudiosos, nobres e navegantes da época, e tempos depois pela ciência, que a pele negra e suas distinções eram sinais de ignorância e retrocesso intelectual: “Mas é a África, e, em especial, a África profunda do interior, onde a civilização nessa época ainda não penetrou, que representa para o filósofo a forma mais nitidamente inferior entre todas nessa infra-humanidade: ”É o país do ouro, fechado sobre si mesmo, o país da infância, que, além do dia e da história consciente, está envolto na cor negra da noite”. Tudo, na África, é nitidamente visto sob o signo da falta absoluta: os ”negros” não respeitam nada, nem mesmo eles próprios, já que comem carne humana e fazem comércio da

”carne” de seus próximos. Vivendo em uma ferocidade bestial inconsciente de si mesma, em uma selvageria em estado bruto, eles não tem moral, nem instituições sociais, religião ou Estado. Petrificados em uma desordem inexorável, nada, nem mesmo as forças da colonização, poderá nunca preencher o fosso que os separa da História universal da humanidade.” (2003P.31). Esse encontro do velho mundo com o novo, desencadeou uma série de fatores dentro das sociedades, definiu os aceitos dos não aceitos, o certo do errado, o feio do belo e o normal do anormal. Esse encontro regeu a forma de ver o mundo e de se viver nele, e essa forma de se ver nos trás até nossas realidades sociais, e nos fez críticos e reprodutores, daquilo que vamos chamar de “olhares do velho mundo”, existente e tão comuns na nossa atualidade.

Com toda essa criação de ideias supremacistas, que se entendeu pelos territórios mundo á fora e que chega ao Brasil, nos damos de cara com um país que prega a igualdade, mas que em sua realidade vive uma segregação não institucionalizada, porém existente, que marca de forma significativa a vida dos povos que ainda vivem sob essa visão de inferioridade, desprezível e marginalizada. E é nesse ponto que chegamos ao recorte da realidade vivida por mulheres negras dentro de uma sociedade machista e preconceituosa. Procuraremos entender o porquê das nossas singularidades não nos fazerem ser aceitas em uma sociedade que se diz tão plural e diversificada.

Por anos, a imagem da mulher negra foi associada somente ao papel de empregada de casa grande, escrava dos cafezais ou canaviais de cana de açúcar, ama de leite e até de objeto sexual pelos seus senhores. (HOOKS, 2019) Sim, essas eram as imagens que se tinham ao olhar para uma mulher negra do período colonial, um ser desumanizado, sem importância, sentimentos ou vontades, um indivíduo para servir, em todos os aspectos. Com o fim da escravidão, essa realidade vivida pelas mulheres negras, deveria ter ficado para trás. Porém, a realidade que vivemos hoje, não remete a esse sonho tão desejado “sonho de redenção”, pois as reproduções sobre os corpos da mulheridade negra, não diferem tanto de como era visto na era colonial. *Silvio Almeida* em seu livro “*Racismo Estrutural*” (2019) traz a seguinte fala: “Após anos vendo telenovelas brasileira, um brasileiro vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico.” (2019P.65), é questionável o porquê de tantos anos após o fim da escravidão, as mulheres negras ainda serem retratadas e associadas em telenovelas e em várias outras mídias sociais, como seres subordinados e inferiores? Sua imagem está sempre condensada à algo sem muito prestígio perante a sociedade e é essa a repercussão passada do que é ser uma mulher negra no Brasil, lugares definidos e destinos traçados.

É impossível não ver essa cultura racista e a “pregação” que é trazida pela mídia sobre qual o lugar nossos corpos devem ocupar. É explícito e está dentro de nossas casas o manual de como lidar com pessoas de cor e quais os espaços lhes são permitidos ocupar. É reproduzido abertamente, e o pior, aceitado pelas pessoas, não só pelas que reproduzem o ato de preconceito, os dominantes, mas também pelos que sofrem com essa realidade, os dominados. É estrutural, institucionalizado, enraizado, naturalizado e reproduzido de uma forma tão “simples”, que muitas mulheres negras conformam-se com os lugares que lhes são impostos, e que se veem como o problema. Elas se sentem o problema, por isso estão ali e não entendem que o que tem que ser mudado não são elas mesmas, mas sim o contexto em que vivem, a realidade que lhes é imposta, a sociedade. E por não perceberem essa realidade de mudança, aderem a essa mudança para elas mesmas, procuram “consertar-se” para serem inseridas de forma aceitável dentro da sociedade, e isso começa com o fato de não aceitar sua identidade negra e as desapropriações de suas próprias características, e é essa desapropriação que faz parte da vida de muitas mulheres, que de tanto fazerem isso, naturalizaram o seu “não ser negra”, e se perderam nessa história de identidade, aceitando a reprodução do que faziam tanto os homens brancos, quanto as mulheres brancas no período colonial, que sentiam prazer na ridicularização do corpo da mulher negra (HOOKS, 2019). E com isso, acarretaram inúmeros marcadores que não se extinguirão com o fim da escravidão, mas são tão presentes na modernidade que chega a ser assustador.

Com a abolição dos escravos, os problemas dos povos negros não acabaram, pelo contrário, os açoites no tronco, deram lugar para os açoites sociais, que deixavam cicatrizes tão profundas quanto dos açoites físicos. E para a mulher negra, esses açoites tiveram um peso maior sobre seus lombos, pois além de lidarem com uma sociedade extremamente racista, ainda tinham que encarar o profundo machismo causado não só pelos homens brancos, mas também pelos homens negros, que foram percursores de cenas machistas contra mulheres de sua mesma cor. Na obra *“Mulher negra: afetividade e solidão”*. (2013) de Ana Cláudia Lemos Pacheco, p 21 – 48, a autora vai trazer relatos sobre a preferência de homens negros à mulheres brancas, ela vai dizer, que socialmente falando, o estar com uma mulher branca é um fato bem mais prestigiado do que estar ao lado de uma mulher negra, e que além disso, esse fato significava para o homem negro uma ascensão a sua condição de marginalizado, pois o fato de estar com uma mulher de pele clara, o “tirava” daquele estereótipo de homem inferior, incapaz e

subordinado. A autora nos trará relatos de mulheres que sofreram desde crianças com esses marcadores, e em como essa forma de serem vistas pelo outro fez com que por muito tempo elas sentissem que realmente eram somente aquilo que o “outro” falava ao seu respeito. A questão da afetividade e solidão é bem explicado por Ana Cláudia Lemos, pois o fato da afetividade para com a mulher negra ser bem restrita, logo a solidão é algo muito presente na vida dessas mulheres, trazido a tona por várias situações como ser mãe solteira, divorciada ou mesmo nunca de fato, ter se casado, isso são casos muito comuns na vida de muitas mulheres negras nesse país, onde o índice de mulheres negras sozinhas é bem maior que o de mulheres brancas e homens negros, e isso se dá, pela cultura racial do nosso país, que designou a essas mulheres lugares de inferioridade e subordinação.

Com toda essa realidade, a mulher negra passou a esconder-se de suas realidades, fazendo de suas singularidades e diferenças aquela sujeirinha que você tenta esconder debaixo do tapete, como abordou a escritora *Giovana Xavier* em seu livro “*História Social da Beleza Negra*” (2021), o consumo de produtos que embranquecem a pele negra e a “esconde” foi algo usado por muito tempo pelas mulheres negras americanas, e também por negras brasileiras e de outros países, também como produtos que “melhoravam” seus cabelos. A autora afirma que; “Ao normatizar a branquidão como padrão universal, referência de limpeza, urbanidade e progresso, a indústria da beleza, com sua publicidade, será um dos principais espaços de popularização da eugenia e dos valores supremacistas brancos.” (2021P.77). A partir desse momento pós escravista, no séc XIX a mulheridade negra americana vai procurar seguir esses padrões, e juntamente com elas, mulheres negras ao redor do mundo aderem a esses usos. A autora nos traz uma série de informações, e como essa questão da indústria da beleza teve um enorme impacto dentro das relações sociais das mulheres negras estadunidenses, que ficaram a mercê das marcas da mídia que diziam o caminho, o estereótipo e a forma certa que elas deveriam se portar, para serem aceitas dentro da sociedade. Se desfazendo de tudo aquilo que lhes era próprio e natural, por aquilo que lhes estava sendo imposto e colocado como ideal, que vinha a ser os valores supremacistas brancos, e aquilo que por ele era chamado de belo. A imposição da “verdade absoluta” sobre essas mulheres, as deixava de mãos atadas, a faziam pôr máscaras nelas mesmas, e esconder sua verdadeira identidade, a não agir como uma mulher diferente, como se fosse diferente de todo aquele padrão, e ser ela mesma. As mulheres negras vão se adequar aquilo que o sistema diz que é belo, certo e real. Assim, países como Estados Unidos, Brasil e entre outros democracias que deveriam ser

“pluralistas” na verdade não tem nada de plural, pois se um sistema não é capaz de aceitar o indivíduo com suas verdades, sua beleza e sua realidade, não é de forma alguma, o estado democrático e pluralizador que se prega.

Foi a partir dessa realidade de repressão, que nossas mulheres negras encheram os bolsos dos donos de Salões de beleza com procedimentos químicos em seus cabelos “feios e ruins”, *Giovana Xavier* em sua mesma obra, ainda com o conceito do poder da mídia sobre as concepções das mulheres negras, traz a seguinte fala: “O desenho de uma mulher branca, que convidava a leitora a transformar o visual com seu creme “aveludado” partia da seguinte ideia: ser black era um padrão feio que poderia ser mudado.” (2021.P.84) Essas ideias de “cabelo bom, é cabelo liso”, “pele bonita, é pele clara”, “rosto bonito, é uma nariz fino, lábios pequenos” e etc, e a não aceitação das características do povo negro e de suas particularidades, fez com que essas mulheres adotassem a esses métodos que causavam a desapropriação de suas características e consequentemente de sua identidade quanto mulher negra. As fizeram sentir como se elas carregassem um problema nelas mesmas, problema esse que deveria e poderia ser tratado e resolvido com procedimentos químicos em seus cabelos crespos, cacheados e black’s. Encheram os bolsos dos donos de marcas de maquiagens e produtos que prometiam o “clareamento” de sua pele, essa era mais uma forma de buscar a aceitação dentro dessa sociedade racista e preconceituosa. Mais adiante, em seu livro, *Giovana Xavier* continua trazendo mais informações a respeito desses procedimentos impostos por essa sociedade, e aceito por muitas mulheres negras: “A maior parte dos produtos era destinada às áreas do rosto, pescoço, mãos e colo, indicando duas coisas. Em primeiro lugar, o foco nessas regiões salientava a importância de mulheres negras manterem o restante do corpo coberto[...] usar clareador e cobrir o corpo aumentava as chances de ser uma “africana disfarçada”.” (2021.P.85) Essa era a realidade de muitas mulheres afro-americanas, que se enxergaram como o modelo a não ser seguido, a não ser aceito, onde muitas, com todas suas forças desejaram não terem nascido nos seus respectivos corpos, simplesmente porque nascer negra é sinônimo de ruim, errado, feio e inferior. Submeter-se a situações que as obrigava a aderir um tipo de roupa, de estilo, para ser mais cômodo para o outro aceita-la. No Brasil a realidade não foi, e não é diferente, quantas mulheres negras abdicaram e esconderam seus cabelos crespos, procuraram por marcas e produtos que prometessem uma mudança em sua pele, porque viver em um país racista, carregando em seu corpo marcadores que são alvos de preconceito não é fácil, e é com todo esse cenário, que nossas mulheres

negras preferem perder suas identidades, e aderir a comportamentos como esses já trazidos aqui, para serem aceitas, ou pelo menos tentar ser aceita. Não entendem que a diferença não é algo anormal ou errado, que para sermos um país pluralizado não precisamos de máquinas iguais, mas que a singularidade de cada indivíduo, cada povo, cada raça e gênero, forma o real conceito de pluralidade. E é essa pluralidade composta por singularidades que vamos defender neste trabalho.

Eu empodero, tu empodera, nós empoderamos

No século passado, era comum esse conformismo da mulheridade negra a respeito de sua condição de inferioridade, quando o feminismo foi revelado, foi quando mulheres resolveram se levantar em prol de seus direitos, lutar por eles e pela mudança em suas realidades. Porém, como estamos falando de sociedades altamente programadas para odiar o diferente, esse feminismo que englobaria e lutaria pela causa de todas as mulheres, se mostrou imparcial as causas das mulheres negras da época. Sim! As mulheres negras, que pensaram chegar sua hora de lutar, foram passadas para trás pelas feministas brancas da época, que fizeram pouquíssimo caso das lutas negras daquele momento.

Não representadas pelo movimento, as mulheres negras se reúnem em torno de um novo conceito de feminismo: o feminismo negro. A ativista americana bell hooks, em seu livro: *E eu não sou uma mulher?* (2019) vai falar bem, em como se deu o início desse movimento, ela relata o poder e a força nascido no coração dessas mulheres, pela luta de serem aceitas, pela luta de poder ser quem elas realmente eram, e como esse poder progrediu, levando para o mundo um novo conceito de luta, força, determinação, reconhecimento e aceitação. Elas queriam ser ouvidas, queriam sair nas ruas e não serem olhadas diferente, queriam oportunidades de emprego além das cozinhas das casas de famílias brancas, queriam respeito, queriam dignidade, queriam ser: MULHERES NEGRAS. Essas mulheres perceberam que seus problemas quanto mulheres negras dentro da sociedade, diferiam quase 100% (HOOKS, 2019) das problemáticas das mulheres brancas, isso foi mais um motivo que causou esse rompimento com o feminismo universal, e as fez partir para o chamado feminismo negro, um feminismo que englobava também a causa racial. Hooks traz em seu livro a seguinte afirmação: “Quando comparamos a posição da mulher negra á da mulher branca, descobrimos que ela permanece solteira com mais frequência, tem mais filhos, está no mercado de trabalho a mais tempo e em maiores proporções, tem menor grau de educação, recebe menos, fica viúva mais cedo e tem uma responsabilidade econômica relativamente maior como chefe

de família do que a mulher branca na mesma situação.” (2019.P.234) esses são problemas que não eram debatidos dentro do feminismo, porque não eram problemas universais, de todas as mulheres, eram problemas específicos de um grupo, uma comunidade, comunidade essa irrelevante para o outro, sem importância. Mas como um feminismo feito e liderado por mulheres brancas não iria defender problemas como maternidade solteira, abandono, falta de oportunidade de emprego, e quando se tinha, empregos pesados e mal recompensados, dificuldades acadêmicas para finalizar os estudos ou chegar em um nível superior, sustentar uma família, desvalorização social e entre outros problemas que na maioria das vezes, as mulheres negras estão mais propícias a enfrentar, um grupo de mulheres se ergueu e decidiu lutar pelas suas próprias causas.

Esse empoderamento foi, sem dúvidas um marco crucial na luta de muitas mulheres negras ao redor do mundo, pois esse feminismo não se limitou ao território americano, ele se expandiu a todas as mulheres negras que se abriram a essa luta, esse conceito de empoderar-se, lutar por uma identidade que não fosse tirada por uma mídia, uma sociedade que pregava o ódio racial, a segregação e a desigualdade.

Foi com esse levante na luta pelos seus direitos, que várias mulheres negras se levantaram no século passado, especialmente nos Estados Unidos, e fizeram públicas suas reivindicações. O que trouxe marcas significativas em várias mulheres nesse século, que conheceram de fato o real sentido do empoderar, empoderar-se. O empoderamento, está ligado ao tornar-se poderoso, ter domínio e autoridade, para nós, mulheres negras e também a outras classes desfavorecidas, ele está ligado ao poder de ser, poder de falar, agir e mostrar. Mas em que esse poder implica dentro da nossa luta? Poucas pessoas hoje entendem o quão significativo são vários símbolos da nossa cultura, ancestralidade, origem e características físicas. O poder de usar um black, um crespo, tranças braids e etc, não está ligado apenas a estilo ou moda, mas vai além desses critérios, está ligada a uma resistência do ser, do poder, o “eu posso” usar meu cabelo natural, do jeito que eu me sentir melhor, é domínio, é autoridade sobre essa sociedade racista, que inferioriza marcadores e símbolos tão próprios e tão importantes pra nossa comunidade.

Mas porque essa questão do empoderamento é tão importante dentro dessas lutas? Joice Berth em seu livro “*Empoderamento*” (2019) cita Paulo Freire, dizendo que “Os próprios grupos subalternizados deveriam empoderar a si próprio” (2019.P.28) pois quando o indivíduo empodera-se e leva esse fato para dentro do âmbito social em que ele está inserido, esse empoderamento chega e influencia a outros oprimidos, fazendo com que a

libertação seja social, e não só individual. Como já diz o ditado popular: “uma andorinha só não faz verão”, assim, uma empoderada só, não faz uma sociedade empoderada, decidida e liberta.

Sabemos que o processo de luta não é fácil e nem tampouco rápido, mas sabemos a importância de pessoas que tenham coragem de mostrar e primeiramente, aceitar suas verdadeiras identidades, para-só assim, ser mostrado para o mundo. A aceitação, a força e a coragem do ser quem si é, em autos números dentro de uma sociedade, faz desse grupo algo forte, poderoso, visível e importante. *Joice Berth*, em seu livro *Empoderamento*(2019), vai nos dar uma aula sobre a importância desse termo nas lutas sociais, e o quanto ele sendo usado de forma coletiva trará feitos significativos dentro de uma comunidade.

Empoderar toda uma comunidade, trazer poder, ser poder. Lutar contra um sistema opressor, não aceitar a inferiorização dos lugares em que te colocam, um dos maiores exemplos de que um ato de empoderamento pode mudar a visão e as ações de uma comunidade em peso, foi o da americana Rosa Parks, que se recusou dar o seu assento no ônibus para um homem branco após um cansativo dia de trabalho, essa atitude, dessa mulher, que se opôs ao sistema racista, deu início a uma das maiores atitudes contra a segregação racial nos Estados Unidos, o boicote aos ônibus de Montgomery, um dos fatores que levou a conquista dos direitos civis dos negros no país norte americano (KING,2020). Essa mulher empoderou-se e empoderou toda uma comunidade que vinha sendo oprimida e silenciada, que vinha se conformando com um fundo de ônibus que lhe era permitido ocupar, e a fez mostrar domínio e autoridade. Isso é necessário para ocuparmos espaços, espaços que são tão almejados por nós a tanto tempo, que não devem ser preenchidos por um cabelo, um tom de pele ou classe social, e sim pelo talento, força de vontade, inteligência e prodígios que nós também somos capazes de ter, e temos! e através desse poder, nos mostraremos para o mundo. *Madalena León*, socióloga Colombiana, também foi citada por *Ana Cláudia Lemos* em seu livro “*Afetividade e Solidão*”(2019) assegurando que: “Fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem a ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioridade que os sujeitos sejam independentes e autônomos no sentido de si mesmos, e descarta as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sociopolítico, histórico, de solidariedade e do que representa a cooperação e a importância de

preocupar-se com o outro.” (2019.P. 36) ela traz a concepção da importância do coletivo, e em como esse individualismo pode causar a desvinculação da luta coletiva, da comunidade. *Joice Berth* acrescenta mais algo a citação de *León*, e deixa uma pequena lição sobre a importância de empoderar-se: “Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada, e uma coletividade empoderada será formada por indivíduos com auto grau de recuperação da consciência do seu eu social.”(2019.P.36) Então, é a partir disso que: Eu empodero, tu empodera, nós empoderamos!

1.3. QUANDO ME DESCOBRI NEGRA (ENTREVISTA)

A entrevista a seguir foi feita com uma jovem chamada Ângela Alves, jovem de 22 anos, negra, conquistou o Miss Continente Nordeste Teen em 2017, foi Miss da cidade de Pacajus em 2018, e Vice-Miss Ceará em 2019.

01. A partir de qual momento da sua vida você percebeu que sua cor de pele poderia influenciar em vários fatores da sua vida?

Uma característica negra muito forte que eu tenho é o cabelo crespo, desde muito nova alisava meus cabelos e nem se quer conhecia sua textura, a partir do momento que decidi parar com a química senti o preconceito dia após dia, ouvir comentários absurdos de pessoas aleatórias é algo pesado.

02. Quando você teve essa percepção, ela se aplicou de forma positiva ou negativa?

Sem dúvidas me afetou de maneira negativa, crescer ouvindo coisas negativas sobre suas características, te faz odiar sua cor, seu cabelo, seu nariz, quem vc é! Esses comentários são tão rotineiros que só quando você é o alvo e para pra analisar que são preconceituosas, é que você sente o quanto o racismo é enraizado no nosso país.

03. Você já se sentiu inferior a alguém ou alguma situação por conta do seu cabelo, cor de pele ou alguma outra singularidade de uma pessoa negra?

Com certeza! Uma situação que tenho uma lembrança marcante e negativa, é de um evento escolar de valsa, onde o meu par se recusou a dançar comigo pela minha cor, pra uma criança ouvir “não quero dançar com ela, porque ela é preta” é algo que marca e te faz pensar que a cor da sua pele é algo ruim.

04. Em qual momento da sua vida você decidiu se aceitar negra? Aceitar suas características? E o que te levou a esse encontro de identidade?

Até meus 16 anos eu era muito tímida, detestava chamar atenção, queria ser quase invisível, achando que não sendo vista evitaria esse tipo de situação, mas as coisas não eram bem assim, então decidi radicalizar, passei pela transição capilar, comecei a usar meu black power no máximo, passei a rebater cada comentário racista e deixei de me importar com críticas que não me acrescentavam em nada, me resolvi comigo mesma e passei a amar cada pedacinho de mim.

CAPÍTULO II: REPRESENTADA!

2.1. Como você me vê?

Por muito tempo, a figura do ser negro foi vista e mostrada de forma inferiorizada, era explícito a forma como as mídias reproduziam esse preconceito em telenovelas, filmes, seriados, programas de tv e etc (ALMEIDA, 2019). Era comum ver nas telas das nossas televisões, pessoas negras serem mostradas como empregadas, domésticas, prostitutas, ladrões e tantas outras imagens associadas ao corpo negro. Para a mulher negra, isso era ainda mais real, não era comum se ver uma mulher de pele escura protagonizando uma novela, um filme ou outra coisa do tipo, o único papel que nos restava era o de coadjuvantes, aquele que não fala, não se impõe, mas que acredita que o melhor é deixar as coisas como estão, aceitar, calar e retroceder.

Silvio Almeida em seu livro “*Racismo Estrutural*”(2019) traz a seguinte afirmação: “ Como eu, mesmo sendo negro, só fui “despertar” para a desigualdade racial ao meu redor pela atividade política e pelos estudos. O que me impedia de perceber essa realidade? O que me leva a naturalizar a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, tribunais, parlamentos, curso de medicina e bancada de telejornais?” (2019.P.62) E é essa a realidade que muitas pessoas negras naturalizaram, o não estar e o não ocupar desses espaços, para muitos não é algo questionável, principalmente por muitas pessoas negras não terem o acesso ao conhecimento necessário para debaterem e perceberem essa desigualdade social como uma patologia, estamos falando de um grupo que ocupa espaços esquecidos pela sociedade e seus governantes, que não usufruem de uma educação de qualidade, de uma comunidade que transmita segurança, temos que olhar que essas pessoas, são postas em lugares sem amparo algum, a maioria dos nossos jovens negros se encontram nas nossas periferias, nasceram e cresceram naquela realidade, para muitos é difícil estranhar essas questões que o *Silvio Almeida* nos traz nesse trecho de seu livro. Pregaram e convenceram as pessoas à cultura do racismo, o estruturaram, e hoje mesmo sendo considerado crime, existem milhões de situações

racistas, que acabam em nada para os opressores, o que faz com que até mesmo o oprimido conforme-se com aquela posição que lhe foi dada, com a representação que lhe foi imposta, com a forma que os veem.

Crianças negras, não crescem com a ideia de que podem ser “princesas, protagonistas de suas próprias histórias”, porque os desenhos infantis ou programas, não representam essa possibilidade, *Chimamanda Ngozi Adichie*, escritora nigeriana, em uma de suas palestras no TED, “*O perigo de uma história única*” reproduzida pelo *Youtube*, fala das interrogações que surgem na cabeça da criança negra ao ver que todas as animações, séries, programas infantis, apresenta a elas uma diferença gritante entre elas, e os protagonistas, os “principais”. E isso acaba refletindo no crescimento dessas crianças, que vão sempre achar que seus lugares não são os principais, não são os de protagonismo, não são importantes. Essa “educação” começa no berço, começa na infância, quando crianças passam a sofrer bullying na escola por terem a cor de pele diferente, o cabelo diferente, começam a ser excluídas por suas diferenciações (ALMEIDA, 2019), e isso, marca toda uma vida, marca a forma com que nós mulheres negras vamos nos relacionar com as pessoas, vamos nos ver, como vamos nos submeter a muitas situações durante a nossa vida, por sermos “acostumas” com aquele tipo de tratamento.

E é por isso, que a democracia racial no Brasil, e em muitos outros lugares, ainda vem a ser um sonho distante. Não existe democracia racial em um país que explora um indivíduo pela repressão que ele enfrenta em toda uma vida, um país que exclui e fecha os olhos para os problemas de uma comunidade, onde mulheres negras são assediadas e erotizadas, remetendo a um comportamento colonial machista, onde mulheres negras precisam se moldar para terem alguma chance, por mais mínima que seja, de ingressar no mercado de trabalho, ou ser aceita por seus colegas dentro de uma Universidade, nós estamos falando de mulheres que ocupam as redes de ensino mais desvalorizadas do país, estamos falando de mulheres que vivem em um contexto muitas vezes violento, desprezado, que não recebem apoio nenhum da sociedade, que precisam buscar por si só, ferramentas para lutar contra o machismo, racismo, desigualdade social e contra o favoritismo com as pessoas brancas.

Ainda em *Racismo Estrutural*(2019), *Silvio Almeida* nos traz a seguinte afirmação: “Por ter conhecimento das barreiras realmente existentes no mercado de trabalho, especialmente em áreas como medicina, direito e engenharia, membros de grupos

minoritários sentem-se desestimulados a estudar e a competir por vagas nessas profissões, pois já internalizaram os estereótipos que compõem a visão média da sociedade acerca do desempenho deles.” (2019.P.163 “ acerca do desempenho deles”, uma frase que nos faz pensar: quem julga o meu desempenho? Quem o mede? Quem o vê? Quem me diz se sou boa ou não? Capaz ou não? São perguntas que nós devemos nos fazer, porque os cursos de medicina, engenharia ou direito, são majoritariamente ocupados por pessoas brancas? Por que meu ensino não recebe tanto investimento quanto o ensino das escolas em espaços mais privilegiados e mais ocupados por pessoas brancas? Porque a minoria das mulheres que disputam concursos de beleza, ou modelam, são negras? Quem julgou a capacidade das outras centenas que queriam estar ali e as descartou? Ou preferiu um perfil mais padrão? Ser mulher já é algo que carrega suas lutas e dificuldades, mas ser mulher negra é sem dúvidas um peso duplo. Lendo esse livro e me fazendo essas indagações, me veio à memória um recente acontecimento, de uns dois anos atrás, quando tive que ir a um escritório odontológico, e chegando lá, a dentista que me atendeu era uma mulher, até então, tudo normal, várias mulheres dentistas e médicas já haviam me atendido no decorrer da minha vida, mas o que me chamou atenção e o que me deixou muito pensativa foi o fato daquela mulher ser uma mulher negra, de cabelos crespos, lembro como aquela imagem me marcou, naquele momento eu percebi que em 18 anos da minha vida, eu nunca havia sido atendida por nenhuma médica negra, e em como aquilo foi inédito para mim, e percebi o quanto essa construção racial está enraizada na nossa cultura, a ponto de nos surpreendermos quando vemos alguém ocupando um lugar que “naturalmente” não viria a ser seu, a ser ocupado por aquela pessoa, e é aí que percebemos como a sociedade nos vê, ela nos define por lugares, espaços e posições, algumas nós podemos ocupar, outras não, nossa capacidade muitas vezes é medida por nossas características físicas e não por quem de fato nós somos.

Analisando ainda o livro de *Silvio Almeida* (2019), trago sua seguinte fala: “O racismo faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada quase que como uma condição “biológica” de negros e índios, naturalizando a inserção no mercado de trabalho de grande parte das pessoas identificadas com estes grupos sociais com salários menores e condições de trabalho precárias.” (2019.P.172, é assim que a nossa imagem está condensada para grande parte da sociedade, pessoas incapazes, de intelecto inferior e capazes de ocupar apenas espaços minoritários, por isso que somos representados assim

pela mídia para a sociedade, porque é nisso que querem que acreditamos, e é isso que querem cada vez mais naturalizar dentro do cunho social.

A globalização e a mulher negra.

Com o avanço da globalização e a chegada da internet como uma ferramenta usual para muitas pessoas, considerando que ainda existam casos de acessos menos frequentes e mais difíceis, mas o uso comum das redes e da web, possibilitou um levante nas lutas sociais e principalmente na luta da mulher negra. As redes sociais possibilitaram um surgimento de grupos de mulheres que se auto descobriram através do fácil acesso a informação. Muitas dessas mulheres antes dessa abertura para o mundo de fato, não tinham ideia do que era ser negra, do que era ser além daquilo que a mídia que elas até então conheciam, dizia que elas poderiam ser. O youtube e o surgimento de várias blogueiras negras, e também a relação mais “próxima” com mulheres negras famosas e influentes, apresentou a muitas mulheres negras um caminho a ser seguido: a autoafirmação. Elas precisavam de uma nova visão, uma nova possibilidade sobre elas, e a internet se mostrou e vem se mostrando como uma ferramenta propícia para que isso aconteça.

A contribuição da web vem permitindo que pessoas como atrizes negras, cantoras e outras figuras negras pudessem se expressar, fora dos roteiros de filmes e novelas ditas e escritas pelo outro, permitiu que as mulheres negras do nosso país e do mundo, se vissem a partir de outra perspectiva, e que percebessem que elas poderiam sim, ser e tomar outras decisões, ocupar outros espaços e viver outras histórias. Um silêncio foi quebrado, a possibilidade da expressão, do poder falar a partir de você mesma, e não do outro, permitiu com que avanços nas lutas das mulheres negras fossem considerados. Após esses avanços tecnológicos e a participação dessas mulheres nas redes, muitas características negras passaram a ser mais aceitas nas vidas dessas próprias mulheres. Um exemplo, há dez anos era raríssimo ver mulheres que fizeram algum procedimento químico no cabelo, passar por uma transição capilar, voltar ao seu cabelo natural, e de algum tempo pra cá, após a revolução da internet, um grande número de mulheres que decidiram passar pela transição, é consideravelmente grande, não se tem dados específicos mas as vivências do dia a dia com outras mulheres, e a pesquisa pelas redes, nos permite falar sobre esse assunto. E além disso, muitas mulheres que resolveram aceitar-se, transformaram suas libertações em luta, em influencia contra muitos fatores opressores dentro da sociedade, vimos um desses exemplos na edição 20 do programa

Big Brother Brasil, transmitido pela Rede Globo de televisão, onde a blogueira Camila de Lucas, expressou nacionalmente o que é ser mulher negra no Brasil, o que é autoaceitação, o que é poder ter um cabelo crespo e o que é passar por uma transição não só capilar, mas de viver, de vivências, de ver o mundo e encarar a sociedade, antes disso ela já trazia temas como esse em seu canal do *Youtube* influenciando centenas de outras mulheres, a lutar, reivindicar, aceitar-se e ocupar espaços que também poderiam ser seus, levantou várias questões a respeito das marcas de beleza não incluírem produtos para peles negras e cabelos crespos, como se pessoas com essas características não fizessem parte da sociedade, não consumissem também. Com certeza não só através dela, mas de muitas outras mulheres negras que usaram da internet como ferramenta para se levantar e lutar contra esses estereótipos racistas, despertaram junto com elas outras centenas de mulheres, que se viram representadas e encorajadas para serem quem realmente eram, e aceitarem-se de forma livre. Isso se deu pela facilidade da informação, e pelo poder de se expressar assegurado pelas redes sociais. De certa forma, esse “poder” foi e é uma revolução, no livro *“Por que não podemos esperar”* (1964) de *Martin Luther King Jr.* ele narra a revolução negra que estourou em 1963 nos Estados Unidos, uma luta que levou anos, prisões, mortes, ataques e repressões, um país onde condicionou o negro a viver “livre” da escravidão, mas oprimido pela sociedade e os governantes. *King* cita em seu livro: “Inegavelmente, havia uma compreensão sobre a condição do negro e suas profundas cicatrizes, mas o país passara a contar com ele como uma criatura que poderia aguentar silenciosamente e esperar pacientemente. Ele era bem treinado em serviço, e qualquer que fosse a provocação não retrucava ou se zangava.” (1964.P.24 era assim que o negro era visto no Estados Unidos no séc.XX, um ser conformado e fadado a aceitar o que lhe impusessem, onde a branquitude exercia um enorme poder sobre suas mentes, mas ao despertar de muitos líderes negros, que perceberam que se não fossem a luta, seus direitos e sua realidade quanto cidadãos americanos jamais mudariam, muitos negros se juntaram e deram início a revolução dos direitos civis, fazendo com que muitos direitos e a quebra de alguns estereótipos fossem garantidas pelos negros, como *King* afirmou em seu livro: “Sabemos através da dolorosa experiência que a liberdade nunca é dada voluntariamente pelo opressor; ela deve ser exigida pelos oprimidos.” (1964.pP.91 Hoje não é diferente, as redes servem como as ruas, onde eram realizadas passeatas com milhares de pessoas lutando por seus direitos, e a internet possibilitou que as passeatas e a luta pela igualdade fosse feita por cada indivíduo no conforto do seu dia a dia, e melhor, tendo um alcance muito maior sobre as pessoas.

Essa nova era tecnológica permitiu que vários silêncios fossem quebrados, deu a muitas mulheres um lugar de fala, como relata a filósofa *Djamila Ribeiro* em seu livro “*Lugar de Fala*” (2017) o poder da fala, a partir do espaço em que você está ocupando, a quebra do silêncio, o se fazer ouvir, expressar-se e posicionar-se, são atitudes resultantes também desses avanços. O fato de aceitar suas características que antes se tentava esconder, por ver e estar conectada a uma rede de pessoas que se mostram e que são iguais a você, mesmo longe, que dão forças e se ajudam para aceitar seu crespo, seu black, a cor da sua pele, a não se calar diante de situações racistas e opressoras, a não silenciar diante da fala do outro sobre você, mas ter sua própria fala sobre quem se é e até onde pode chegar, ocupar espaços e poder ser onde quiser, uma mulher negra.

2.2. Me representaram, me vi, me amei! (Entrevista)

Entrevista feita respectivamente com jovem negra de 21 anos, chamada Adrielly Almeida, da cidade de Barreira, Ceará. E também com uma jovem chamada Ângela Alves, de 22 anos, negra, conquistou o Miss Continente Nordeste Teen em 2017, foi Miss da cidade de Pacajus em 2018, e Vice-Miss Ceará em 2019.

1. Em algum momento você se sentiu representada por alguém? Se sim, como isso aconteceu?

Adrielly: A representatividade de mulheres negras nos espaços de decisões tem sido fundamental para conquista de vários direitos; me sinto representada por muitas mulheres como Taís Araújo que conquistou o mercado publicitário.. entre outras!

Angela: Duas mulheres negras me marcaram muito: a primeira foi Maju Coutinho, ver alguém igual a mim, em um telejornal no horário nobre, e sofrer junto pelos ataques racistas que ela sofreu pelo simples fato de estar ali, me fez admirar o fato dela ter chegado lá por sua inteligência e esforço.

A segunda foi Monalysa Alcântara, ela foi eleita Miss Brasil 2017, sendo a segunda Miss negra consecutiva depois de 30 anos de jejum sem nenhuma Miss Brasil negra, nesse período eu estava entrando no mundo dos desfiles e concursos e ver que alguém com as minhas características poderia chegar lá e ser eleita a mulher mais linda do Brasil me deu um ar de autoestima sem tamanho.

2.A internet de alguma forma te ajudou a se aceitar? Ou te abriu os olhos para algumas questões relacionadas a ser uma mulher negra?

Adrielly: Com certeza, a internet influencia muitas pessoas hoje em dia.. me ajudou muito a me aceitar, a ver que essas “críticas” não eram só comigo, a ver o empoderamento feminino, autoaceitação, e etc.

Angela: Sim! No YouTube e no Facebook encontrei muitas pessoas e grupos que falavam sobre assuntos que eu precisava entender, que eu não tinha com quem debater pessoalmente, e na internet eu encontrei pessoas que passavam pelas mesmas situações.

3. Se ver em alguém ou o fato da representatividade te fez amar-se mais? Se sentir melhor consigo mesma?

Adrielly: A representatividade me fez sentir melhor comigo mesma, são tantas pessoas que me sinto representada. Eu sou uma mulher negra, tenho o cabelo crespo, venho de uma geração de mulheres negras com os seus cabelos crespos, e isso me faz me amar muito mais e me aceitar como eu sou!

Angela: Toda criança precisa se sentir representada, precisa entender que ela pode estar em qualquer lugar, e ter o emprego que quiser, e que pessoas pretas são belas sim! é aí onde a representatividade nos afeta de maneira prática e direta. Ver uma pessoa preta no topo me fez sentir que o céu é o limite.

3.1. RAINHAS PRETAS

A sociedade, desde sempre, baseia-se e mede as pessoas pelo que elas demonstram e aparentam ser, mulheres de todas as cores, raças e etnias são medidas desde que nasceram pelo estereótipo da beleza feminina. Não é à toa que existem inúmeros concursos de beleza, que servem como régua á essas mulheres, dizendo quais são “as melhores, mais bonitas e os mais certos modelos de mulheres” a serem seguidos. Observando esses eventos, fiz a análise a partir do concurso de beleza mais famoso do nosso país, o Miss Brasil, concurso que há 67 anos, reúne as mais belas mulheres de seus 26 estados e Distrito Federal, com a finalidade de escolher a mais linda mulher do país.

Estudando sobre o concurso, percebi que em todo esse tempo de existência, apenas três mulheres negras chegaram até a coroa do Miss Brasil, em 67 anos de concurso, apenas três mulheres negras chegaram ao pódio mais cobiçados pelas mulheres brasileiras. Em 1986, a Gaúcha Deise Nunes vence o concurso, e causa tumulto nos bastidores do evento. De acordo com a matéria da *Revista Marie Claire*

(2021), afirma que Deise: “Precisou enfrentar todo o preconceito das famílias das demais candidatas, que contestaram a vitória da jovem. Por esse motivo, a votação foi repetida três vezes antes da coroa e da faixa ser realmente entregue a ela.” É nesse contexto que chegamos a seguinte reflexão: por que somente quando uma mulher negra ocupa esse lugar de prestígio na sociedade, se faz todo esse alarde? Porque é tão inaceitável a ideia de que uma mulher negra seja capaz de se destacar sobre as outras? Por que é tão fácil questionar, contestar e revogar resultados quando uma pessoa de pele escura foi privilegiada? São perguntas que talvez não foram feitas há 35 anos atrás quando ocorreu esse episódio, quando a questão racial e a representatividade não eram algo ainda tão forte e visto pela sociedade, e são perguntas que talvez em muitas situações ainda hoje não são feitas, não são questionadas. É mais fácil naturalizar a questão de que não se veem muitas mulheres negras em empregos mais privilegiados, em capas de revista, modelando, fazendo campanhas publicitárias, em bancadas de telejornais, protagonizando filmes e novelas, vencendo concursos de beleza e até participando deles. Após o ato inédito de uma mulher negra ser vista como a mulher mais bela do Brasil, o feito só veio acontecer novamente 30 anos depois, com a coroação da paraense Raíssa Santana em 2016, que em entrevista à *Revista QUEM* (2018), conta sobre uma infância e adolescência difícil por conta do preconceito racial. Raíssa fala que: “Eu achava que era feia. Eu sempre tive a autoestima muito baixa, eu era muito zoada na escola. Sofria bullying. [...] quando eu tinha sete anos já não gostava do meu cabelo. Ia pra escola chorando, reclamando que parecia uma vassoura. Era muito crespo e muito armado. [...] não tive uma relação de carinho com meu cabelo porque não sabia cuidar e não tinha os produtos. Com doze anos minha mãe começou a alisar e só aos treze, passei pela transição capilar.” Esses relatos nos mostram como esse intervalo de trinta anos, ainda foi de muita repressão, julgamentos e exclusão. Mesmo após uma mulher negra ter chegado a um lugar tão prestigiado, a sociedade continuou a repercutir comportamentos racistas sobre a vida das mulheres da raça negra. Assim como a Raíssa, milhares de mulheres passaram e passam por essa realidade todos os dias, de serem excluídas pela cor, perderem oportunidades e se sentirem menosprezadas, assim como ela mesma conta, que foi impedida de realizar trabalhos por conta de sua cor: “Um amigo me indicou para um trabalho com uma marca de jeans e os representantes da marca negaram, dizendo que o pessoal da cidade não gostava de negros.” Essa realidade contada por ela, não é uma eventualidade, pelo

contrário, milhares de mulheres, não só no Brasil, mas em várias partes do mundo, vivem diariamente situações como essa e tantas outras injúrias raciais.

Após trinta anos sem essa representação, sem essa imagem de uma mulher negra sendo coroada, ter alguém para falar, quebrar esse silêncio, representar, foi extremamente significativo, imaginar quantas meninas negras, nunca tinham visto uma mulher de sua cor, com o seu tipo de cabelo, assumir a coroa e a faixa do concurso mais cobiçado de todo país, com certeza abriu novas possibilidades para muitas meninas e mulheres, que não viram isso em 1986, que talvez nem sabiam e nem imaginavam essa possibilidade. E mais significativo que isso, apenas o fato de um ano depois, em 2017, pela primeira vez uma mulher negra passar a faixa para outra mulher negra, sim! Em 2017, a piauiense Monalysa Alcântara recebeu das mãos de Raíssa Santana a faixa de Miss Brasil. Inédito. Seria talvez um significativo avanço na luta contra o racismo? Sim, com certeza, porém, não sejamos utópicos em achar que o fato desse evento encerra com uma cultura preconceituosa e institucionalizada. Mesmo com tamanho avanço, a piauiense Monalysa Alcântara não se livrou dos ataques preconceituosos direcionados a sua pessoa. *A Revista Veja(2017)* conta sobre o episódio: “ Em um post nas redes sociais, uma usuária disse que Monalysa tinha “cara de empregadinha”.” Como em 1986, e também em 2016 com a Rayssa, Monalysa não se livrou do peso que a sua cor carrega, mesmo sendo a mulher mais bonita do Brasil, a luta contra o racismo e os rótulos, a visão colonial sobre nossos corpos ainda é muito real.

Porem, apesar dos haters raciais, não podemos ignorar o fato de que: chegamos lá! Foram apenas três vezes, mas chegamos, e nas duas últimas vezes em um curto período de tempo, avançamos! A mulher negra mostrou o seu valor, a sua beleza, o seu poder. Ela mostrou pra própria mulher negra onde ela pode chegar, não só no pódio da mulher mais bonita do Brasil, mas do mundo, como aconteceu em 2019 quando a sul-africana Zozibini Tunzi venceu o miss universo, concurso que existe a 69 anos e só elegeu cinco mulheres negras, relatou a revista *AH(2019)*, isso nos mostra que nos últimos anos, houve uma ascensão da mulher negra no âmbito social, suas causas tem ganhado mais força, suas histórias, suas lutas, suas feridas, suas vivências. Toda vez que uma dessas mulheres subiu ao pódio, toda vez que a Maju Coutinho senta em uma bancada de telejornal em horário nobre, toda vez que a Taís Araújo protagoniza uma novela, toda vez que a Beyonce canta uma musica como Pretty

Hurts, Black Parade ou Formation, onde ela declara: “ Meu pai é de Alabama, minha mãe de Louisiana, a mistura de negro com crioulo deu uma texana. Gosto da minha herdeira com cabelo afro, gosto do meu nariz com narinas do Jackson Five, ganhei muito dinheiro mas o interior não sai de mim”, elas contam a história de cada mulher negra desse país e do mundo, elas contam a minha história, as minhas lutas, as minhas cicatrizes. Enaltecem, encorajam e empoderam uma classe de mulheres negras que emerge pronta pra lutar contra toda a opressão que sofreu durante uma vida, durante toda a história, e que ainda sofre. Todas essas mulheres são rainhas, rainhas que encorajaram suas “súditas” a serem tão fortes como elas e a lutar, porque são capazes de vencer e serem também: Rainhas pretas.

3.1 ENTREVISTA: A CHEGADA NA COROA.

A entrevista a seguir foi feita com uma jovem chamada Ângela Alves, jovem de 22 anos, negra, conquistou o Miss Continente Nordeste Teen em 2017, foi Miss da cidade de Pacajus em 2018, e Vice-Miss Ceará em 2019..

1. Com quantos anos você ganhou seu primeiro concurso de beleza? E você sentiu alguma resistência ou indiferença da parte de outras pessoas? Ou foi tudo muito natural?

Aos 17 anos ganhei o Miss continente Nordeste, foi meu primeiro concurso, em outro estado, eu me sentia super inferior não por ser uma pessoa negra, pois eu já estava em uma fase bem resolvida, mas sim por vir de família humilde, dentre tantas meninas com trajes luxuosos e sapatos caros, enquanto tudo que eu tinha era emprestado, ganhar esse concurso e ouvir dos jurados que todos os trajes eram lindos e todas as meninas eram belíssimas, mas o que me diferenciava das demais era minha desenvoltura e inteligência para falar e minha elegância na passarela, foi uma experiência incrível!

2. Após se revelar como uma pessoa pública, participando, vencendo concursos, você alguma vez passou por alguma situação de preconceito? Ou ouviu algum comentário pejorativo por ser você naquele lugar? Se sim, como você reagiu a esse acontecimento?

Em todo lugar que eu ia já como Miss recebia muito carinho e coisas positivas, mas sempre tem aquelas pessoas que ficavam cochichando, rindo e apontando,

nesse momento eu respondia com simpatia, mostrando que ignorância se responde com educação.

3. É comum ver mulheres negras nos concursos de beleza que você tem participado? Ou o números de negras são bem baixos?

No início a uns 5 ou 6 anos atrás eram pouquíssimas, mas de uns 2 anos pra cá esse quadro tem mudado, cada vez mais meninas e meninos também, tem ocupados esses espaços.

4. Como você ver a questão racial hoje em dia? Você acha que ainda é algo recorrente na nossa sociedade? Ou as pessoas já viraram essa página?

Infelizmente o racismo está enraizado na nossa sociedade, foram mais de 300 anos de escravidão, fomos separados de nossas famílias, tirados de nossas terras, abusados, mortos, torturados e escravizados, fazem só 133 anos desde a abolição, onde depois de tudo isso ainda fomos colocados à margem da sociedade e inferiorizados, e só faz 2 semanas que eu ouvi um comentário preconceituoso na rua, o racismo só vai acabar quando as pessoas pararem com essa história de que é “mimimi”, só quem sabe o tamanho da dor é quem tá machucado.

CONCLUSÃO

A luta das mulheres negras está no dia a dia, na representação, ocupação de espaço, poder, visibilidades, afeto, autoestima e reconhecimento. São fatores de lutas diárias e constantes para nós mulheres negras. Avançando a cada dia, mas nunca parando de buscar mais e mais, mais melhorias, respeito e igualdade, para uma classe de mulheres fortes, guerreiras, que fizeram e fazem parte da história como resistência, capacidade, coragem e persistência. Lutaram, reivindicaram, ocuparam, claro que ainda precisam desbravar muitos desafios, mas o poder que uma mulher negra carrega dentro de si é capaz de chegar a todos os espaços de uma sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*: São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*: São Paulo: Pólen, 2019.

LE MOS, Ana Cláudia. *Mulher negra: afetividade e solidão*: Salvador: EDUFBA, 2013.

XAVIER, Giovana. *História social da beleza negra*: Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?*: Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KING, Martin. *Porque não podemos esperar*: São Paulo: Faro Editorial, 2020.

BERTH, Joice. *Empoderamento*: São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*: Belo Horizonte, MG: Editora Letramento, 2017.

SITES

<https://youtu.be/D9Ihs241zeg>

<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/de-faixa-a-coroa/2019/10/mostrei-ao-nosso-pais-que-os-negros-tambem-sao-belos-diz-primeira-miss-brasil-negra.shtml>

<https://www.google.com.br/amp/s/revistaquem.globo.com/amp/QUEM-News/noticia/2018/09/raissa-santana-desabafa-sobre-racismo-me-achava-feia.html>

<https://www.google.com.br/amp/s/veja.abril.com.br/blog/veja-gente/miss-brasil-2017-racismo-e-crime-e-eu-estou-aqui-para-lutar/amp/>

<https://www.google.com.br/amp/s/aventurasnahistoria.uol.com.br/amp/noticias/reportagem/poucas-mulheres-negras-que-ganharam-o-miss-universo.phtml>

